



AS INCONSISTÊNCIAS DO CONCEITO DO SUJEITO:

Um estudo comparativo entre as gramáticas

THE INCONSISTENCIES OF THE CONCEPT OF THE SUBJECT:

A comparative study between grammars

MATOS, Ronilson Ferreira¹
SILVA, André Ribeiro da²

RESUMO

Este estudo analisa as inconsistências do conceito de sujeito por meio de um estudo comparativo entre as gramáticas. O objetivo central é verificar se os desvios da norma padrão na escrita dos estudantes de uma escola pública do Distrito Federal são decorrentes dos múltiplos conceitos dados ao termo sintático. Para obtenção dos dados, foi utilizada a pesquisa de campo exploratória no contexto de sala de aula, com a aplicação de uma redação dissertativa-argumentativa como instrumento de pesquisa. A análise de dados foi realizada à luz da teoria apresentada na fundamentação teórica e por meio da comparação da produção dos alunos com a gramática normativa. Os resultados da pesquisa, além de indicar as falhas na produção escrita, auxiliam a reflexão sobre a importância de se estudar uma gramática mais contemporânea, flexível e próxima à realidade dos educandos.

Palavras-chave: Inconsistência. Sujeito. Sintaxe.

ABSTRACT

This study analyzes the inconsistencies in the concept of the subject through a comparative study between grammars. The main goal is to verify if the variations to the standard norm in the writing of students from a public school in Distrito Federal stem from multiple concepts given to the syntactic term. For collecting the data, an exploratory field research was conducted in a classroom context with the application of an argumentative essay as a research tool. The data analysis was made according to the theory presented in the theoretical foundation and through a comparison of the production of the students with the normative grammar. The results of the research, apart from indicating the mistakes in the writing production, aid in the reflection about the importance of studying a grammar which is more contemporary, more flexible and closer to the reality of learners.

¹ Graduação do curso de Letras Português/Inglês, pelo Centro Universitário Euro Americano (UNIEURO) e Pós-Graduação do curso Metodologia da Língua Portuguesa, pela Instituto Tratos ronny.bb@hotmail.com

² Orientador do TCC. Pedagogo e Educador Físico, Mestre e Doutor em Ciências da Saúde. Pós-doutor em Neurociências.

Keywords: Inconsistencies. Subject. Syntactic.

1. INTRODUÇÃO

Uma das bases para a análise sintática é a identificação do sujeito e, para reconhecê-lo, usam-se definições tradicionalmente cristalizadas nas gramáticas, fontes de referência para o trabalho do educador. Contudo, ao observarmos com um olhar mais crítico, percebemos muitas irregularidades entre o conceito desse termo gramatical e sua aplicação. Essa situação mencionada poderá trazer dificuldades na identificação do sujeito e corroborará para que ocorram outros desvios gramaticais, como o de concordância verbal.

Devido à importância deste assunto para a análise sintática e das dificuldades de uma única definição para o conceito de sujeito, decidi abordar este tema. Portanto, este estudo se justifica a partir de duas considerações: a primeira foi uma inquietação de minha experiência docente em sala de aula, percebi que, muitas vezes, os alunos tinham dificuldade no reconhecimento desta estrutura sintática e, mesmo com diversas explicações, ainda pairava dúvidas no ar; a segunda justificativa consiste na própria análise dos livros didáticos e gramáticas, que conceituam e definem o sujeito, porém, em alguns exemplos percebemos que essa definição não se justifica.

A partir das divagações acima mencionadas, surgiram novas questões, como por exemplo: qual seria a abordagem que melhor agrupa todos os tipos desse fenômeno? Qual seria o melhor conceito a ser aplicado e como poderia facilitar o trabalho do professor? Qual é a relação entre os desvios e o conceito de sujeito? De acordo com a bibliografia de referência, a melhor maneira de se esclarecer os questionamentos acima seria pela análise dos erros, pois ela propiciará ao pesquisador o conhecimento de como foi realizado a aprendizagem e quais foram as estratégias utilizadas pelo usuário da língua na descoberta do seu idioma.

Neste sentido, creio que o estudo comparativo das definições do sujeito entre as gramáticas e a coleta de dados realizada com alunos do ensino médio da rede

pública do Distrito Federal, propiciarão a ampliação de conhecimentos sobre o tema e induzirão novas reflexões e, quiçá, novas pesquisas.

Portanto, como futuro especialista em metodologia da língua portuguesa e professor da Secretaria de Educação do Distrito Federal, proponho-me, a partir do estudo comparativo das gramáticas descritivas e prescritivas, analisar com um olhar crítico o conceito de sujeito e suas possíveis inconsistências. Além disso, pretendo expor os conceitos de sujeitos utilizados nos compêndios gramaticais; desvelar as inconsistências do sujeito de maneira comparativa e, por fim, analisar os erros cometidos por alunos do ensino médio da rede pública distrital na identificação do sujeito.

1.1. METODOLOGIA

Este trabalho se categoriza como sendo um estudo comparativo de alguns compêndios gramaticais, realizado em uma pesquisa de campo, de natureza qualitativa e descritiva, ademais, se configura como um estudo de caso exploratório de cunho indutivo.

De acordo com Fachin (2006), o método comparativo se propõe a analisar e explicar fatos segundo suas semelhanças e diferenças. O método toma os fatos de natureza análoga, a fim de se detectar o que há de comum entre eles. Assim, para o presente trabalho, foram comparados os mais diversos conceitos do termo sintático chamados de sujeito.

Ao se tratar de uma pesquisa qualitativa, o trabalho deve conter suas características básicas, que segundo Lüdke e André (1986) são: o ambiente natural como fonte de dados, o caráter descritivo, o foco no significado que as pessoas dão às coisas e à vida, além disso, a análise de dados é predominantemente indutiva.

Em relação à primeira característica, as autoras supracitadas, destacam a importância do pesquisador, principal instrumento da pesquisa, em se direcionar ao ambiente natural, em que ocorre o fenômeno a ser estudado, e ter um contato prolongado por meio da pesquisa de campo, sem a manipulação intencional do pesquisador. Este trabalho foi desenvolvido por meio da pesquisa de campo e os

dados foram extraídos no ambiente natural de estudo dos educandos de uma escola de ensino médio em Samambaia, onde estive presente.

A característica descritiva tem como objetivo a observação, o registro, a identificação dos fatos e sujeitos da pesquisa, assim como a descrição das características do processo e a interpretação dos resultados obtidos sem que ocorra a interferência do pesquisador. Esta pesquisa trabalha com a descrição destes fenômenos, ocorridos em ambiente natural, por meio da utilização de métodos empíricos semicontrolados, visando uma melhor interpretação da realidade.

A pesquisa qualitativa tem como objetivo de estudo trabalhar com as representações sociais, (MARQUES, et al. 2006), visa-se, nesta abordagem, aprender as percepções comuns e incomuns presentes na subjetividade das pessoas envolvidas na pesquisa, notadamente na condição de objeto-sujeito. Desta forma, a terceira característica também é cumprida por meio da aplicação de uma redação dissertativa-argumentativa, pois o foco de estudo se baseia na perspectiva e realidade das pessoas que é assegurado no contato direto do pesquisador com o objeto de estudo.

O processo de indução consiste na obtenção de conclusões gerais a partir das experiências obtidas no contato com a realidade, podendo o pesquisador relacionar os fatos para futuramente generalizá-los. O caminho percorrido consiste na observação e o registro dos fatos; na análise e a classificação; na derivação indutiva de uma generalização a partir dos fatos e na contrastação/verificação (BERGAMIM, 2011). Deve-se partir da experiência proceder de modo ordenado, interpretando a natureza e não a antecipando, desta forma, a análise dos dados obtidos, pode comprovar ou não as hipóteses feitas e ainda gerar novas conclusões referentes ao tema.

Já em relação ao estudo de caso, Nunan (1992, apud Bomfim 2008) apresenta as seis vantagens alcançadas por este estudo quando realizado: a realidade contextualizada, aproximando o estudo ao contexto social e aos participantes, que podem se identificar com as questões levantadas; através de um fenômeno específico pode-se induzir os resultados para um grupo social maior com características

semelhantes; o estudo pode trabalhar com várias perspectivas e gerar múltiplas interpretações; as reflexões do estudo podem ser utilizadas para uma variedade de propósitos imediatos, bem como servir como estrutura de análise de outros pesquisadores e poder ser, até mesmo, dirigidos a outros públicos.

O estudo de caso, mesmo baseado em outras teorias, busca a comprovação ou contestação da hipótese no contato real do pesquisador com o objeto de estudo, podendo gerar novas descobertas e futuras elucidações para novos pesquisadores (LÜDKE e ANDRÉ, 1986). Portanto, este trabalho se dispõe a verificar as características dos desvios de concordância verbal, dos estudantes do segundo ano do ensino médio de uma escola pública do Distrito Federal, possivelmente relacionados às inconsistências do conceito de sujeito.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Para atingir os objetivos especificados acima, utilizarei alguns teóricos abaixo. Sendo assim, nesta parte serão abordadas algumas definições de sujeito dos autores Cunha e Cintra, Almeida, Nicola e Infante, Azeredo, Mesquita e Perini. Conforme Coelho Neto (2008), o uso das gramáticas prescritivas, descritivas e pedagógicas servem como fontes de referências de grande relevância para o trabalho docente, os compêndios agem “de maneira a aprofundar os conhecimentos e sistemas da língua para quem já os domina” (MIRANDA, 2014, p. 14).

Baseados nesses conceitos, faremos um estudo comparativo entre as obras, com o objetivo de se questionar a aplicação de certas regras e jogar luz para um ponto que, muitas vezes, é apenas transmitido sem nenhum questionamento de sua aplicação.

A primeira afirmação que é dita sobre o sujeito é que ele é um termo essencial da oração (Cunha e Cintra, 2001; Almeida, 2015). Estes autores definem sujeito como o termo da oração a respeito do qual se enuncia alguma coisa e que seu núcleo é, geralmente, representado por um substantivo, pronome substantivo ou palavra substantivada (ALMEIDA, 2015 p. 258).

Ainda dentro da classificação, Almeida subdivide o sujeito em três tipos: sujeito determinado, indeterminado e oração sem sujeito. O primeiro tipo se refere ao sujeito que pode ser identificável na oração de forma implícita ou explícita, são eles:

1) sujeito simples – possui apenas um núcleo:

Ex.: [O **artista**] agradecia os aplausos (p. 259)
núcleo

2) sujeito composto – possui dois ou mais núcleos:

Ex.: [A **esposa** e o **amigo**] seguem sua marcha. (p. 259)
núcleo Núcleo

3) elíptico – não vem expresso na oração, mas pode ser facilmente identificado pela desinência verbal ou pelo contexto:

Ex.: [**eu**] Hei de cumprir minha promessa.

O segundo tipo de sujeito é o indeterminado que, segundo o autor, não vem expresso na oração, pois não se deseja mencionar ou pela impossibilidade de sua explicitação (p. 260). Cunha e Cintra (2001, p. 125, *grifo meu*) acrescentam ao conceito a seguinte frase: “quando um verbo não se refere a uma pessoa determinada, ou por se desconhecer **quem executa a ação**, ou por não haver interesse em seu conhecimento”. O verbo aparece:

a) na 3ª pessoa do plural, não se referindo a nenhuma palavra determinada do contexto:

Ex.: **Falam** mal desse candidato. (p. 260)

b) na 3ª pessoa do singular acompanhados do pronome **se**

Ex.: Já não **se acredita** em milagres.

O terceiro tipo são as orações sem sujeito, que ocorrem quando o predicado não faz referência a nenhum tipo de sujeito. Elas decorrem quando se empregam verbos impessoais, por exemplo:

a) com verbos que exprimem fenômenos da natureza:

Ex.: **Chove** muito nessa época do ano.

b) com o verbo **haver** empregado no sentido de existir, ou na indicação de tempo corrido:

Ex.: **Há** dias que não chove

c) com os verbos **fazer** e **estar** empregados em referência a tempo ou clima:

Ex.: **Faz** meses que não vou à praia.

Está muito frio hoje.

d) com o verbo **ser** empregado em relação a datas, horas ou distâncias:

Ex.: Já **é** meio-dia.

Daqui até lá **são** nove quilômetros.

e) com os verbos **bastar** e **chegar** acompanhados da preposição **de**:

Ex.: **Chega** de conversa fiada!

Já para Nicola e Infante (1997), o sujeito é o termo que estabelece concordância com o verbo, podendo ser classificado a partir da existência ou não do núcleo do sujeito: sujeito determinado (quando for facilmente identificado pela concordância ou desinência verbal) ou indeterminado (quando não for possível identificar com clareza a que se refere a concordância verbal).

Os autores supracitados dão um passo a mais em relação ao conceito, pois criticam a definição de que o sujeito é o ser que “pratica a ação expressa pelo verbo”. Segundo eles, essa definição exclui o sujeito paciente e o fato de que nem todos os verbos exprimem ação. Vejamos o exemplo abaixo:

Ex.: O garoto levou um beliscão da namorada.

Nicola e Infante (1997) mencionam que nesse exemplo pode-se notar a falta de coerência no conceito, porque o verbo “levar”, nesse contexto, não exprime uma ação; ademais, o sujeito “o garoto” sofre o beliscão e, nem por isso deixa de ser sujeito.

Mesquita (1999) classifica o sujeito como termo essencial, mas já traz a concepção de outro gramático, Mattoso Câmara diz: “[...] A doutrina contrária, hoje dominante, é a possibilidade da ausência do sujeito como tema, ou ponto de partida, do que se comunica ao predicado” Câmara (*apud* MESQUITA, 1999 p. 399). Para Mesquita, sujeito é o termo que indica o ser a respeito de quem se diz alguma coisa. Quando vai explicar o sujeito indeterminado, o conceito se altera. De acordo com o gramático, sujeito indeterminado ocorre quando não se pode ou não que identificar o autor da ação indicada na oração.

Nota-se, portanto, que o conceito de sujeito vai se alterando de acordo com os autores e sua abordagem, às vezes mais tradicional ou contemporânea. Esse fenômeno pode provocar barreiras no processo de ensino-aprendizagem³ e, quiçá, interferir na produção escrita dos estudantes. Veremos, no próximo tópico, a abordagem mais contemporânea e a relação dos desvios cometidos com a inconsistência do conceito de sujeito.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O capítulo trata da realização escrita dos indivíduos participantes da pesquisa. Apresentaremos os resultados dos dados obtidos por meio do instrumento de pesquisa, bem como os desvios de concordância verbal da língua padrão, levando em consideração as gramáticas. Ademais, faremos um paralelo entre os erros identificados e as inconsistências do conceito de sujeito.

3.1. PROPOSTA DE REDAÇÃO

O instrumento de pesquisa utilizado foi uma proposta de redação dissertativa-argumentativa em que a temática era: “Ensino a distância: crescimento do EAD em tempos de pandemia”. O objetivo central do instrumento avaliativo é fazer com que os educandos utilizem “argumentos para sustentar suas ideias e se posicionem criticamente diante da questão discutida, recorrendo aos mecanismos linguísticos necessários” (BRASIL, 2018). Além disso, aplicar uma redação auxilia na formação de competências e habilidades na área de linguagens. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular do Ensino Médio (BNCC), o estudante deve ser capaz de:

planejar, produzir, revisar, editar, reescrever e avaliar textos escritos e multissemióticos, considerando sua adequação às condições de produção do texto, no que diz respeito ao lugar social a ser assumido e à imagem que se pretende passar a respeito de si mesmo, ao leitor pretendido, ao veículo e mídia em que o texto ou produção cultural vai circular, ao contexto imediato e sócio-histórico mais geral, ao gênero textual em questão e suas regularidades, à variedade linguística apropriada a esse contexto e ao uso do

³ Aprendizagem é o processo consciente que resulta em saber sobre a língua. É resultante da experiência em sala de aula, na qual, o aprendiz é levado a voltar sua atuação para a forma e as regras gramaticais (ALMEIDA FILHO, 2005)

conhecimento dos aspectos notacionais (ortografia padrão, pontuação adequada, mecanismos de concordância nominal e verbal, regência verbal etc.), sempre que o contexto o exigir (BRASIL, 2018 p. 509).

Vale ressaltar que o objetivo da pesquisa não é apenas apontar os desvios gramaticais realizados pelos alunos, pois, se assim fosse, estaria reproduzindo o ensino tradicional. Porém, a aplicação do instrumento de pesquisa tem por intuito que os falantes saibam utilizar a gramática para elaborar construções linguísticas nas mais diversas ocasiões. Portanto, a gramática seria mais funcional significativa, discursiva e flexível, indo de encontro com as competências e habilidades que um estudante do ensino médio deve ter em sua formação acadêmica (DISTRITO FEDERAL, 2019 p. 50).

3.2. OS DESVIOS

Nesta subseção, abordaremos algumas inconsistências do conceito de sujeito e como isto pode prejudicar o trabalho docente. Além do referencial teórico adotado, serão acrescentadas as ideias do linguista Mário Perini, inseridas nas obras: *Sofrendo a gramática (2000)*, *Gramática descritiva do português (2001)* e *Para uma nova gramática do português*. O próprio autor define as publicações como uma alternativa de se confrontar as concepções tradicionalistas, visto que muitos linguistas as criticam, porém não há nada concreto que possa substituí-las (Perini, 2001). Sendo assim, aplicarei o método comparativo entre os enfoques tradicional e o mais contemporâneo.

A primeira inconsistência latente na definição de sujeito é afirmar que ele é um termo essencial da oração, pois, se assim o fosse, não teríamos orações formadas apenas por predicados (orações sem sujeito). Não houve, na construção dos estudantes, nenhum desvio de concordância verbal com as orações sem sujeito, pois este tipo de construção, mais formal, não é comum no texto dos estudantes. O que de fato ocorre é a substituição da forma verbal “haver” (mais formal) por “ter” (mais informal), o que não é aceito pela modalidade padrão da língua, solicitada em um texto dissertativo-argumentativo. Vejamos alguns exemplos, os participantes serão chamados de P1, P2, etc.

	Sentença	Forma Padrão
P1	[...] teve diversificações no ensino usando jogos, músicas e vários outros métodos que não dava para fazer na escola [...]	[...] houve diversificações no ensino usando jogos, músicas e vários outros métodos que não davam para fazer na escola [...]
P2	[...] mas teve também aspectos negativos.	[...] mas houve também aspectos negativos.

O autor que, apesar de considerar sujeito e predicado como termos essenciais da oração, joga um novo olhar sobre a questão é Azeredo no seu livro *Fundamentos de Gramática do Português* (2000), ele diz que para se identificar o sujeito basta reconhecer a estrutura do sintagma nominal⁴, já que o sujeito sempre estará contido neste sintagma enquanto o predicado estará no sintagma verbal⁵, além disso:

Sujeito e predicado são, pois, considerados termos essenciais da oração. Entretanto, se quisermos ser mais precisos, devemos dizer que só o predicado é essencial, já que pode haver oração sem sujeito, formadas por verbos impessoais (...), mas não pode haver orações sem predicado. (AZEREDO, 2000, p. 159)

O segundo ponto problemático da definição acima ocorre quando menciona que o sujeito é “o termo da oração da qual se enuncia alguma coisa”. Vejamos alguns exemplos:

- a) João trabalha muito;
- b) João derrubou Maria;
- c) Esta maçã eu não vou comer;
- d) Em dezembro, chove bastante em Brasília.
- e) Quem disse isso?

4 Conforme Azeredo (2000) o estudo dos sintagmas é essencial para a análise sintática, pois as orações são formadas a partir delas. O sintagma nominal é constituído por um substantivo que poderá estar unido de determinantes ou modificadores que qualificam o núcleo, os determinantes são basicamente os artigos e os pronomes.

5 O mesmo autor cita que o sintagma verbal é uma unidade com presença obrigatória do verbo com função sintática específica de predicado.

De acordo com a classificação tradicional, o sujeito de (a) e (b) é **João**, em (c) **eu**; em (d) **não há sujeito** e em (e) o sujeito é o pronome interrogativo **quem**. Porém, ao tentarmos aplicar a definição tradicional na prática gramatical, podem surgir algumas dúvidas, por exemplo: em (a) podemos ver claramente que a declaração feita é apenas sobre João; em (b) essa certeza já não é tão clara, pois será que não há uma declaração sobre Maria também?; em (c) como posso dizer que a declaração feita é sobre mim e não sobre a maçã?; em (d) existe uma clara declaração sobre a cidade de Brasília; finalmente em (e), qual declaração é feita sobre *quem*? Sendo uma pergunta, alguma declaração foi feita?

Assim podemos concluir que a definição deste termo não é respeitada pela própria gramática e, por vezes, ela é mutável conforme cada exemplo é dado. Como posso dizer que o sujeito é um termo essencial da oração e o termo sobre o qual se faz uma declaração se, em (d), há uma declaração clara sobre Brasília? Contudo, a gramática afirma que não há sujeito!

Alguns desvios encontrados nas produções escritas dos alunos podem servir de exemplo para elucidar a dificuldade de se encontrar o núcleo do sujeito e fazer, assim, a concordância adequada. Abaixo, na participante 3 (P3), não há precisão se a declaração é sobre os alunos ou a tecnologia, o que ocasionou erro gramatical. Já a participante 4 (P4) faz a concordância com alunos, pois é dele que se fala algo, contudo, a gramática afirma que o núcleo do sujeito é nenhum, sendo assim, a construção apresenta um desvio. A P5 relatou uma série de problemas que afetou os estudantes na pandemia, quando utilizou o pronome “isso” resumiu tudo o que mencionara anteriormente, entretanto, a concordância deveria ser no singular, pois o núcleo é o pronome indefinido e não o que havia sido declarado.

	Sentença	Forma Padrão
P3	[...] alguns alunos não tiveram ou perderam acesso a qualquer tecnologia [...]	[...] alguns alunos não tiveram ou perderam acesso a qualquer tecnologia [...]
P4	[...] nenhum dos alunos sabiam [...]	[...] nenhum dos alunos sabia [...]

P5	Isso prejudicaram muito estudante [...]	Isso prejudicou muitos estudantes [...]
----	---	---

Mario Perini é um autor que traz outra abordagem ao tema. Ele questiona esse posicionamento dos gramáticos, que por vezes, reconhecem estas inconsistências, porém continuam as reproduzindo ou inserindo de frase em frase um novo conceito, chamando de sujeito “outra coisa que não foi definida com esse nome” (Perini, 2000, p. 53). Um exemplo dessa mudança de conceito é o caso do sujeito indeterminado, definido quando o “verbo não se refere a uma pessoa determinada, ou por se desconhecer quem executa a ação, ou por não haver interesse no seu conhecimento”. (Cunha e Cintra, 2001, p. 119)

O linguista confronta essa declaração tradicional, pois aponta que a definição de sujeito inicial foi transformada em outra concepção. Segundo ele, a prática da ação não tem nenhuma ligação com o termo pelo qual se declara algo, assim o conceito de sujeito está ligado a quem pratica a ação e não mais ao termo que é mencionado pelo predicado, em outras palavras, a crítica a esse conceito de sujeito indeterminado é pelo fato de que o conceito variou de “é ser sobre qual se faz uma declaração” para um não reconhecimento “de quem executa a ação”. No exemplo: (Ninguém almoçou ontem), já podemos encontrar problemas nesse novo conceito, já que nenhuma pessoa praticou a ação de almoçar, contudo, segundo as definições tradicionais, **ninguém** é o sujeito.

Sacconi (1999, *apud* Gomes, 2005) tenta solucionar esse problema acima com uma nova definição: quando se há um pronome indefinido o sujeito não será indeterminado, senão simples, pois mesmo não sabendo a identidade de quem praticou o ato, existe um elemento na posição de sujeito.

Nos exemplos abaixo, as participantes 6 e 7 (P6 e P7) fizeram a concordância de acordo com o conceito: sujeito é “aquele que pratica a ação expressa pelo verbo”, que seriam os termos “alunos” ou “celulares e notebook”. Porém, os núcleos do sujeito são os substantivos “desinteresse” e “falta”, pois os sintagmas nominais “alguns alunos” e “celulares e notebook” vêm antecedido de preposição. Na mesma lógica, a participante 8 (P8) fez a concordância com a utilização das redes sociais que subiram

bastante (Youtube, Instagram, Twitter, etc.) e não com o termo porcentagem, o qual é o núcleo do sujeito.

	Sentença	Forma Padrão
P6	Uma das coisas negativas foram desinteresse de alguns alunos, que dormiam no meio da aula ou ia fazer outra coisa.	Uma das coisas negativas foi o desinteresse de alguns alunos, que dormiam no meio da aula ou iam fazer outras coisas.
P7	A falta de celulares e notebook prejudicaram muitos estudantes [...]	A falta de celulares e notebook prejudicou muitos estudantes [...]
P8	Nisso a porcentagem de utilização do Youtube, Instagram, Twitter, etc. subiram bastante [...]	Diante disso, a porcentagem de utilização do Youtube, Instagram, Twitter, etc. subiu bastante [...]

Outro desvio comumente realizado foi com o sujeito composto que, segundo Mesquita (1999) pode ser definido pela quantidade de núcleos expressos no período. Quando se há mais de um núcleo, o verbo deve ser apresentado no plural. Entretanto, observa-se que, em P9 e P10, os educandos fizeram a concordância com o termo mais próximo “internet” e “maturidade” e desconsideraram os outros núcleos. Em P11, a participante não colocou o acento que diferencia o verbo no singular ou plural, o que tornou a construção equivocada.

Em P12, o sujeito composto está posposto ao verbo, o que, conforme a gramática, possibilita a concordância com o núcleo mais próximo ou os dois núcleos. Todavia, nessa construção, tanto o núcleo mais próximo (as **mortes**) quanto os dois núcleos (as **mortes** e a **questão** dos estudos) forçariam o verbo a concordar no plural. Verifica-se, portanto, que a multiplicidade de exceções e novas acepções para o termo sujeito causa confusão e vários desvios na norma culta.

	Sentença	Forma Padrão
P9	[...] para que os aparelhos tecnológicos e a internet cheguem a residência [...]	[...] para que os aparelhos tecnológicos e a internet cheguem à residência [...]

P10	[...] aos alunos cabe maturidade, e respeito e responsabilidade.	[...] aos alunos cabem maturidade, e respeito e responsabilidade.
P11	O ensino a distância e o crescimento do EAD nos tempos de pandemia tem causado grande falatório [...]	O ensino a distância e o crescimento do EAD nos tempos de pandemia têm causado grande repercussão [...]
P12	[...] algumas situações que impactou muito mais foi as mortes e a questão dos estudos.	[...] algumas situações que impactaram muito mais foram as mortes e a questão dos estudos.

Por fim, podemos observar outro tipo de desvio que acontece quando o núcleo do sujeito está um pouco mais distante do verbo, em P13, o núcleo é “problemas”, assim o verbo deveria estar no plural. Além disso, quando o pronome relativo retoma o termo antecedente, os estudantes costumam errar a concordância por não reconhecer a que termo o pronome se refere, em P14, o pronome relativo “que” retoma o substantivo “acontecimentos” que está no plural, assim o verbo deveria concordar em número com o referente.

	Sentença	Forma Padrão
P13	Assim que as aulas presencias voltaram, vários problemas relacionados a saúde e bem-estar começar a surgir.	Assim que as aulas presencias voltaram, vários problemas relacionados à saúde e bem-estar começaram a surgir.
P14	[...] os acontecimentos que veio a ocorrer, com o crescimento dos casos da Covid-19, as escolas precisou tomar medidas.	[...] os acontecimentos que vieram a ocorrer, com o crescimento dos casos da Covid-19, as escolas precisou tomar medidas.

3.3 RELAÇÃO ENTRE OS DADOS E O CONCEITO DE SUJEITO

É válido observar que, em virtude de inúmeros conceitos dessa função sintática, os estudantes encontram muitas dificuldades em entender a temática,

especialmente nas produções escritas, e questionam a funcionalidade da gramática. Em sua obra *Sofrendo a Gramática*, Perini cita quais são essas as dificuldades e conclui que é por esse motivo a disciplina é tão rejeitada pelos alunos.

O problema é que as gramáticas escolares, aqui como em muitíssimos outros pontos, não são organizadas de maneira lógica; e como aprender uma disciplina que não tem organização lógica? Não é de se espantar que ninguém tenha segurança nessa matéria, e não é de espantar que ninguém goste dela (PERINI, 2000, p. 54).

Após todos esses questionamentos, o autor supracitado propõe uma nova definição para esta função sintática. Ele sugere que o “sujeito é o termo da oração que está em relação de concordância com o núcleo do predicado” (PERINI, 2001, p. 77).

Em consequência desse conceito, Perini desconsidera as outras abordagens feitas para se identificar o sujeito, são elas: a abordagem semântica, a qual declara o sujeito como uma entidade que se faz uma declaração, e a pragmática, que diz que o sujeito é o agente de uma ação. Para ele “a função de sujeito é um dos aspectos da organização formal da oração, e não um dos aspectos da mensagem veiculada pela oração” (*Ibid.*, p. 78).

Com essa definição, podemos concluir que o sujeito seria apenas a forma identificável no texto, tendo como função a concordância com o verbo. Logo, o conhecido sujeito elíptico (oculto) e indeterminado, alvo de tantas dúvidas entre os estudantes, não seriam mais considerados sujeitos, já que não estão em relação de concordância com o núcleo do predicado.

Ex.: Vendi meu jegue. (p. 78)

Podemos observar no exemplo acima que não há nenhum termo explícito concordando com o verbo (vender) e assim classificá-lo, baseados na teoria mencionada, como **oração sem sujeito**.

Outro questionamento levantado é a fragmentação do conceito de sujeito nas gramáticas e falta de sistematização do mesmo processo, um exemplo disso é o sujeito paciente que só será descrito na seção de vozes verbais, assim como o sujeito oracional que apenas poderá ser estudado na parte de orações subordinadas,

portanto, a explicação para a mesma noção não está agrupada, porém distribuída de forma aleatória.

Portanto, essas contradições e inconsistências entre a teoria e prática, além dos inúmeros conceitos para cada novo termo, dificulta o processo de ensino-aprendizagem. Os educandos não apenas apresentam dificuldades de conhecer tantas classificações e exceções, como também não sabem aplicá-las nas produções orais e escritas. Para os educadores, explicar essa quantidade de conceitos e a funcionalidade da gramática no cotidiano é uma tarefa árdua, pois nem mesmo os professores entendem o porquê de tanta inconsistência, o que resulta em uma educação bancária, não dialógica e longe da realidade do alunado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos pontos centrais deste trabalho é refletir criticamente sobre os conceitos cristalizados da gramática tradicional e realizar uma comparação do termo sujeito em diversas gramáticas, a fim de se identificar possíveis inconsistências que possam prejudicar o processo ensino-aprendizagem da língua portuguesa.

Com o intuito de colher os dados para a pesquisa, foi proposto uma redação dissertativa-argumentativa para que os participantes pudessem produzir um texto na norma padrão da língua em um ambiente semi controlado. Nota-se que, por se tratar de uma avaliação escrita, os estudantes produzem menos erros do que habitualmente fariam na linguagem falada.

É importante frisar que em nenhum momento da pesquisa teve a intenção de comparar os participantes ou avaliar quem era o melhor, nem mesmo de descrever métodos para que um estudante escreva formalmente, porém buscou-se entender e interpretar os erros de produção escrita derivados da dificuldade de compreensão do conteúdo, além de descrever, analisar e verificar se os desvios cometidos, mencionados pelos teóricos, ocorridos no contexto do ensino médio, em uma escola pública do Distrito Federal.

Como conclusão e baseados nos pressupostos teóricos abordados, podemos dizer que algumas falhas apresentadas no decorrer do estudo derivam também da

inconsistência do conceito de sujeito. Nota-se, claramente, que as falhas são causadas pela confusão dos conceitos de sujeito, sendo assim, o educando acaba não realizando a concordância verbal adequada, pois não sabe qual conceito usar para cada período escrito.

Contudo, levando em consideração a bibliografia atual, os desvios dos educandos podem servir como *feedback* para o professor analisar o estágio de desenvolvimento do aluno e criar métodos pedagógicos de auxílio para que o aprendiz supere suas dificuldades e não fossilize os erros.

Por isso considero de extrema importância o ensino explícito de uma gramática que alcancem as necessidades do alunado, que seja significativa, discursiva e funcional a atualidade em que vivemos. Isso ajudará os estudantes a utilizarem adequadamente a linguagem conforme o ambiente em que estão inseridos e, em relação à modalidade escrita, aproximarem-se de uma linguagem ideal.

Vale ressaltar que, durante a análise dos desvios dos participantes, o estudo não indicou apenas erros de concordância verbal ou relacionados ao conceito de sujeito. Outros erros também foram evidenciados, como: acentuação gráfica; pontuação; ortografia; coesão e coerência; translineação; separação silábica; paragrafação; repetição de elementos coesivos, entre outros. Portanto, é sabido que a questão da concordância verbal é, quiçá, apenas um ponta do iceberg, quando nos deparamos com as produções escritas dos alunos.

Ciente de que o presente estudo é apenas uma semente, creio que o trabalho possa servir de estímulo e inquietação para outros estudos mais abrangentes e aprofundados. Com o objetivo de verificar se a abordagem mais funcional e atual de Perini reduziria as falhas na produção escrita, sugiro um estudo comparativo desses dados com outra turma em que a gramática funcional do autor seja ensinada.

Outra sugestão de pesquisa consistiria em uma análise detalhada das características de todos os erros realizados pelos estudantes, o que daria maior abrangência a pesquisa e facilitaria a descoberta de justificativas e possíveis soluções para os desvios.

Logo, pretendo com este estudo mostrar a importância de refletir criticamente acerca dos conceitos encucados em nossas mentes durante nosso processo escolar e espero estimular mais análises, diálogos e pesquisas na área, contribuindo tanto para facilitar a prática docente e o processo de ensino-aprendizagem, quanto para criar novos estudos relacionados ao tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Nilson Teixeira de. **Gramática da língua portuguesa**. 9ª ed. São Paulo. Saraiva. 2005;
- ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. **Linguística Aplicada, ensino de línguas e comunicação**. Campinas, SP: Pontes Editora e Arte Língua, 2005;
- AZEREDO, José Carlos de. **Fundamentos de gramática do português**. Rio de Janeiro, RJ. Editora: Zahar, 2000;
- BERGAMIM, Juliene S. **Método Indutivo**. IN: XVI Seminário Interinstitucional de Ensino Pesquisa e Extensão. UNICRUZ, outubro de 2011;
- BOMFIM, Bernadete B. S. B. **Crenças em Relação à Formação Inicial de Professores de Inglês e a Prática de Ensino de uma Professora Formadora**. Dissertação de Mestrado. Brasília: UnB, 2008;
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018;
- COELHO NETO, Aristides. **Além da revisão: critérios para revisão textual**. Brasília: SENAC, 2008;
- CORDER, Pity. **Error Analysis and Interlanguage**. London: Oxford University Press, 1991;
- CUNHA, Celso; CINTRA, José F. Lindley **Nova gramática do português contemporâneo** 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001;
- DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do DF. **Currículo em Movimento da Educação Básica: Ensino Médio**. Brasília, 2019;
- FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. 5º ed. São Paulo: Saraiva 2006;
- GOMES, Renata Ribeiro. **Sujeito- Incoerências e contradições da Gramática Tradicional**, Universidade de Brasília – UnB, novembro de 2005;

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986;

PERINI, Mário **Gramática descritiva do português** 4.ed. São Paulo: Ática, 2001;

_____, **Para uma nova gramática do português** 10.ed. São Paulo: Ática, 2001;

_____, **Sofrendo a gramática** 3.ed. São Paulo: Ática, 2000;

MARQUES, Heitor Romero [et al.]. **Metodologia da Pesquisa e do Trabalho Científico**. Campo Grande: UCDB, 2006;

MESQUITA, Roberto Melo. **Gramática da Língua Portuguesa**, 8a. ed. São Paulo: Saraiva, 1999;

MIRANDA, Larissa Santos. **Uma nova abordagem de revisão textual: o revisor com um olhar crítico e reflexivo**. Universidade de Brasília – UnB, Brasília, 2014;

NICOLA, José de; INFANTE, Ulisses. **Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa**. São Paulo: Scipione, 1997.